



Entre o afeto e o abate

Um boi da raça Nelore que foge de uma feira de agronegócios em Salvador e é encontrado cinco dias depois nadando no mar da praia de Stella Mares. A cena inusitada, registrada pelo jornal "A Tarde" em novembro de 2018, quando banhistas tentavam em vão direcionar o animal de volta à areia enquanto ele enfrentava as ondas, serviu de ponto de partida para o monólogo "A Hora do Boi", que retorna ao Rio em sua quarta temporada a partir desta terça-feira (13) no Centro Cultural Justiça Federal.

A partir desse episódio real, a dramaturga Daniela Pereira de Carvalho teceu uma narrativa em torno de um vínculo improvável entre Seu Francisco, capataz e tratador de matadouro, e Chico, o boi nascido e criado sob seus cuidados. A trama, com astuação de Vandrê Silveira e direção de André Paes Leme, coloca em confronto a rotina automatizada do trabalhador – que abateu centenas de cabeças de gado ao longo da vida sem questionamento – e a relação afetiva que se estabelece com este animal específico. O

Monólogo 'A Hora do Boi' explora dilema moral vivido por capataz que se afeiçoa ao animal que deveria sacrificar

dilema se intensifica quando se aproxima o momento do abate de Chico, única criatura com a qual Francisco estabeleceu um vínculo genuíno.

A construção dramática dialoga remete aos escritos de São Francisco de Assis sobre a natureza e os seres vivos. O santo italiano do século 12 enxergava todos os seres como igualmente importantes e defendia que ninguém é suficientemente perfeito que não possa aprender com o outro, nem totalmente destituído de valores que não possa ensinar algo ao seu irmão. Essa perspectiva atravessa a montagem num questionamento das "hierarquias" entre espécies e a objetificação dos animais nos sistemas de produção desenvolvidos pela raça humana.

Vandrê explica que o espetáculo busca, a partir dessa relação entre homem e animal, trazer reflexões e uma possível mudan-

ça nas ações cotidianas em prol de maior sintonia, respeito e empatia entre todos os seres. "É muito importante e urgente refletirmos sobre nossa relação com os seres humanos, nossos iguais, mas também com os outros seres que habitam o planeta. Inclusive repensarmos a nossa forma de consumo tão predatória dos recursos naturais. Precisamos nos enxergar como parte do todo, como a natureza, ampliarmos o olhar para a coletividade, para a empatia e para o afeto. O amor é a força mais poderosa do universo", argumenta.

No palco, os dois personagens – Seu Francisco e Chico – compartilham uma agonia: enquanto o trabalhador manso e submisso se vê pela primeira vez diante da impossibilidade de cumprir uma ordem dos patrões, o boi vive a condição do condenado no corredor da morte, depositando no

"Precisamos nos enxergar como parte do todo, como a natureza, ampliarmos o olhar para a coletividade, para a empatia e para o afeto. O amor é a força mais poderosa do universo"

VANDRÊ SILVEIRA

de 2023 no teatro Poeirinha, "A Hora do Boi" acumulou reconhecimento na cena teatral carioca. O espetáculo cumpriu temporada no Teatro Municipal Sergio Porto e recebeu indicações ao 34º Prêmio Shell na categoria Figurino e ao 18º Prêmio APTR pela Direção de Movimento.

Para Vandrê, a possibilidade de retomar o espetáculo periodicamente traz ganhos ao trabalho. "É muito bom poder revisitar um espetáculo de tempos em tempos. Ter a possibilidade de realizar uma nova temporada traz novas descobertas e uma maior apropriação da história contada", afirma, destacando que a resposta das plateias ao longo das temporadas revela a urgência das questões levantadas pela peça. Segundo ele, é preciso ampliar o olhar para a coletividade, a empatia e o afeto, enxergando-se como parte de um todo que inclui a natureza.

SERVIÇO

A HORA DO BOI

CCFF (Av. Rio Branco, 241 – Centro)
De 13/1 a 11/2, terças e quartas (19h)

Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

laço de afeto com seu alagoz as esperanças de salvação. A performance de Vandrê transita nessas duas situações.

Desde sua estreia em janeiro